

## Pare tudo e ouça já a melhor banda do rock baiano em muito tempo: Dona Iracema



**Coletânea**  
**Chico Castro Jr.**  
Jornalista e repórter do Caderno 2+

De vez em quando aparece no cenário uma daquelas bandas que nos dão vontade de acreditar que é possível fazer o rock voltar a ser, digamos, *cool*: bacana, descolado, popular. Pena que aqui na Bahia isso não costuma durar muito. Mas eis que surge mais uma e pronto: olha o colunista acreditando de novo. A banda da vez vem lá de Vitória da Conquista.

É a Dona Iracema, que acaba de lançar o disco de rock cantado em português mais legal dos últimos sei lá quantos anos: *Balburda*.

Produzido pelo mestre andrê, o disco resgata o espírito do rock bagaceiro, pesado e suingado dos anos 1990 com um pé no agora mesmo, a começar pelo título, pelas temáticas das letras e também pela vocalista Balaio, transexual

macho pra cacete e com uma presença de palco absolutamente incendiária. Ou seja: tudo que está faltando no rock hoje em dia: peso, diversidade, aquele senso de perigo à la Iggy Pop.

**Coco, hardcore, quebradeira**  
Então misture Raimundos, Red Hot Chili Peppers, Catapulta (alguém aí lembra?), Faith No More, acrescente letras detonando todo esse lixo fascista que ora nos aperreia, salpique participações de Luiz Caldas (cantando e esmerilhando na guitarra baiana), Pedro Pondé e a deusa Nancyta, leve ao estúdio e receba um baita álbum de rock baiano. "É por aí mesmo, e não só influências musicais — tudo nos influencia, de filmes a livros e histórias pessoais", conta Oscar, baterista. "A mistura de gêneros passa pela intenção de dialogar com a maior quantidade de ritmos, sem amarras. Não é a toa que o disco tem duas músicas completamente fora da curva, *Grilo* e *Queimando no Altar*", diz.

Esse é o tempero da Dona Iracema: *Grilo* é à base de viola



Diegão Aprígio (contrabaixo), Balaio (voz), Oscar Sampaio (bateria) e Anderson Gomes (guitarra)

caipira e *Queimando...* é um coco. Já *Apocalipse Iracemático*, um quase thrash metal, tem ali no meio uma quebradeira baiana de deixar muito pagodeiro assustado.

O disco ficou tão bom que essa semana eles já embarcam para São Paulo, onde se apresentam no Feeling (Vila Madalena) e no site Show Livre.

"Mostramos nosso último trabalho ao selo Oranjeiras, logo a parceria foi firmada e o Show Livre. Ao longo desses sete anos, passamos por um processo de amadurecimento, fruto inclusive de 4 EPs, um DVD, e participamos de alguns concursos", relata Oscar.

Eles ainda não tem data pa-

ra trazer esse show a Salvador, mas deverão vir em breve.

"Mas já temos datas confirmadas para Feira de Santana (dia 21) e Jequié (14/11), além de São Paulo. Queremos rodar o Brasil todo. Estamos em diálogo com os produtores", conclui. Oh, *grória!*

FACEBOOK.COM/BANDADONAIRACEMA

### Sexta kaótica

Keter, Zeitgeist(SE), Antipocos e DJ Bawdy fazem um *Kaos Festival* nesta sexta-feira no Bardos Bardos. A partir das 17 horas, entrada colaborativa.

### Dependência metal

As bandas Indominous, Electric Poison, Inner Call, Metal War e Killing Machine quebram tudo em mais uma edição do evento mensal *Independence Metal*. Sábado, 17 horas, no Cine Teatro Solar Boa Vista (Engenho Velho de Brotas). R\$ 10 e R\$ 20.

### Game Over no BB

Esábado tem mais um esquentado do *XI Festival BigBands*. É a noite *Sotero Rock Sessions 5*, com *Game Over Riverside*, *Malgrada*, *Kharbon*, *DJ Bia Biscardi* e *Atakama Project* — Bardos Bardos, 17 horas, colaborativo.

#### LUIZ CALDAS

O álbum é dedicado ao músico baiano João Gilberto, morto em julho desse ano, e à Bossa Nova. O novo trabalho é o 92º lançamento do projeto de lançamentos mensais de discos que Luiz Caldas realiza há seis anos. DE MANSINHO/NAS PLATAFORMAS DIGITAIS BSA



#### MARCELO COSTA

Baterista de inúmeros medalhões da MPB, Costa estreia solo com um *little help dos friends*: tem Gal, Caetano, Calcanhotto, Lulu, Lan Lan, Caçulinha (sério!) e muitos outros. No repertório, autorais e alguns clássicos. *Style*. VOL. 1 / BISCOITO FINO / R\$ 28,50 CCR.



#### LANA DEL REY

Após pouco mais de um ano de anunciado, o sexto disco da americana foi finalmente lançado. Em 14 faixas, Lana continua com sua essência melancólica e relata casos complicados de sua vida.

NORMAN FUCKING ROCKWELL / POLYDOR RECORDS / INTERSCOPE RECORDS / NAS PLATAFORMAS DIGITAIS CCL



#### SALOMÃO SOARES, VANESSA MORENO

Pegue uma cantora de voz doce e técnica impecável e um pianista incrivelmente habilidoso, bote os dois juntos no estúdio. Eis aqui o resultado: uma paulada de jazz MPB buíços, ardendo em brasa. Bravo! *Chão de Futurar* / INDEPENDENTE - TRATORE / NAS PLATAFORMAS DIGITAIS CCR.



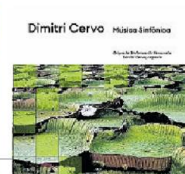
#### MISSY ELLIOTT

Após 14 anos, a lenda do rap norte-americano Missy Elliott lança um novo projeto musical. No EP *Iconology*, Missy apresenta cinco novas faixas. Para o lançamento, ela disponibilizou um clipe para o single *Throw it Back*. *Iconology* / WARNER MUSIC / DISPONÍVEL NAS PLATAFORMAS DIGITAIS VM



#### DIMITRI CERVO

Seis peças do maestro e compositor gaúcho Dimitri Cervo, executadas pela Orquestra Sinfônica da Orquestra. Contemporâneo sem ser hermético, sua música sensibiliza e emociona. Precisa ser mais conhecido. *Música Sinfônica* / INDEP. - TRATORE / R\$ 39 CCR.



### LETRAS

## Obra pioneira sobre a nação de candomblé ijexá

#### EDUARDA UZÉDA

"Um trabalho pioneiro, que traz o primeiro estudo profundo sobre a nação de candomblé ijexá realizado no país". É assim que Wilson Caetano de Souza Junior, professor da Universidade Federal da Bahia, mestre e doutor em ciências sociais e pós-doutor em antropologia, define a obra *Ijexá, O Povo das Águas*, que será lançado hoje, no Espaço Cultural Barroquinha, a partir das 17 horas.

O evento contará com a participação da yalorixá Vânia Amara, representando a comunidade do Terreiro Ile Asê Kalê Bokun, localizado em Plataforma. A obra do pesquisador serviu como base para que o terreiro fosse o primeiro de nação ijexá tombado em todo o Brasil.

"O Ile Asê Kalê Bokun é um dos poucos terreiros que ao longo do tempo vêm reinventando não apenas esta identidade, mas mantendo viva a tradição ijexá na cidade de Salvador", afirma.

#### Estudo étnico

Vilson Caetano fala de como a ideia do livro nasceu: "Tudo começou quando a comunidade do terreiro, situada na Rua Antônio Balbino nº 98, Plataforma, me pediu para fazer um estudo étnico do terreiro, o que na prática pode ser traduzido como um levantamento de documentos e pesquisa oral que comprovasse que a casa de santo teria sido fundada por Severiano Santos Porto, filho de africano da nação ijexá".

O pesquisador disse que a partir daí, com o cruzamento de uma série de documentos do Arquivo Público do Estado da Bahia, da Biblioteca Pública do Estado da Bahia, do Arquivo da Cúria Metropolitana de Salva-

dor, entre outras instituições, juntamente com as narrativas da tradição oral do terreiro e os depoimentos recolhidos no estado do Rio de Janeiro, ele teve condições de reconstruir a história de grupos africanos ijexás em Salvador.

"Não há trabalho específico sobre a nação ijexá. Há referências, mas não um estudo sistematizado como este", acrescenta.

#### Divisão da obra

"O trabalho está dividido em cinco momentos. O primeiro aborda a presença dos africanos ijexá na cidade de Salvador e dá notícia sobre alguns terreiros fundados por eles. O segundo traz os números destas casas de candomblé ao longo dos estudos afro-brasileiros", conta.

"O terceiro momento reconstrói a trajetória destes africanos nas freguesias centrais da cidade de Salvador através do cruzamento de depoimentos orais com alguns documentos. O quarto momento fala sobre a ida de algumas pessoas deste grupo para a Península de Itapagipe, em especial a Ribeira e bairros como Uruguai e Massaranduba. O quinto e último momento fala sobre a consolidação do Ile Asê Kalê Bokun", acrescenta.

O professor e pesquisador garante que conseguiu recuperar a história de um grupo de africanos ijexás que migraram do centro da cidade de Salvador para a Península de Itapagipe no final do século XIX. Através das embarcações, eles chegaram a Plataforma.

Avançando nas pesquisas, ele encontrou outros núcleos de africanos ijexás presentes na capital baiana, em localidades como Dique do Tororó, Queimadinho, Quinta das Bea-



A obra serviu como base para o reconhecimento do Terreiro Ile Asê Kalê Bokun, o primeiro de nação ijexá tombado no Brasil



Vilson Caetano de Souza Jr. é antropólogo e professor da Ufba

### "O trabalho agora publicado lança novas pistas para os estudos afro-brasileiros"

WILSON CAETANO, professor

ILEXÁ, O POVO DAS ÁGUAS / WILSON CAETANO DE SOUZA JUNIOR

Liceu / 163 págs. / Grátis no lançamento



tas e Pau Miúdo.

"Os estudos afro-brasileiros se concentraram nos terreiros localizados no lado Sul da cidade, como a Federação e o Rio Vermelho, e este estudo mostra o movimento de africanos no lado Norte, como a Península Itapagipiana e o subúrbio", diz.

#### Origem mítica

A origem mítica do povo ijexá também é recuperado na obra. "O trabalho lança novas pistas para os estudos afro-brasileiros, sobretudo no que diz respeito ao lugar ocupado pelos terreiros na cidade e a participação de outros grupos africanos no processo de resistência dos candomblés", finaliza.

PALESTRA E LANÇAMENTO DO LIVRO ILEXÁ, O POVO DAS ÁGUAS, DE WILSON CAETANO DE SOUZA JUNIOR, SEGUNDA DE SESSÃO DE AUTOGRÁFOS / HOJE, ÀS 17H / ESPAÇO CULTURAL DA BARROQUINHA / RUA DO COURO, S/N, BARROQUINHA / ENTRADA FRANCA